

ANÁLISE DA ESTRATÉGIA DOS CENÁRIOS MOTIVACIONAIS PARA A REQUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO URBANO FRENTE AO CONCEITO DE TECNOLOGIA SOCIAL

SIRLENE DE MELLO SOPEÑA¹; NIRCE SAFFER MEDVEDOVSKI²; ADRIANE BORDA ALMEIDA DA SILVA³

¹Universidade Federal de Pelotas – sirmellos@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – nirce.sul@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – adribord@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho realiza uma reflexão sobre o significado da estratégia dos CENÁRIOS MOTIVACIONAIS frente ao conceito de Tecnologia Social (TS). Esta estratégia visa promover a requalificação do espaço urbano em contextos de Habitação de Interesse Social (HIS), e foi elaborada no âmbito de projetos de ensino, pesquisa e extensão da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPEL. Foi configurada para um contexto específico, em um trecho da Rua Paulo Guilayn da região da Balsa, localizada no bairro Porto da cidade de Pelotas. A referida região, atualmente, está em processo de regularização e necessita de uma requalificação urbana.

Os CENÁRIOS MOTIVACIONAIS buscam facilitar o diálogo entre universidade e comunidade em uma etapa prévia ao projeto de requalificação. Através de técnicas de Realidade Aumentada (RA), é possível sobrepor elementos virtuais ao cenário real, permitindo visualizar transformações propostas ao ambiente urbano. A RA de acordo com KIRNER; TORI (2006) caracteriza-se pela sobreposição de objetos virtuais ao espaço real ou físico. Tais cenários constituem-se a partir de dados obtidos em um diagnóstico sobre as tendências espontâneas de transformação urbana, específicas do contexto estudado. Até então, os estudos realizados tem envolvido a observação das evoluções do cenário urbano frente aos parâmetros de adensamento construtivo e de arborização.

As experimentações ainda não foram confrontadas com a explicitação dos desejos dos moradores em efetivamente seguirem tais padrões, tendo sido identificados apenas os padrões de adensamentos construtivos mais recorrentes. Considerou-se como representativa para a rua em questão a moradia assobradada, exemplificada à esquerda da Figura 1. Apoiando-se em MONTEIRO (2011), os cenários foram construídos com base neste tipo de habitação, identificada no próprio contexto urbano. Essa foi considerada como tendência de expansão das moradias ao longo da rua, ilustrada em seu perfil atual ao centro da Figura 1. A imagem da direita desta mesma figura representa a simulação do perfil, caso todos os demais moradores adotassem este tipo como padrão de adensamento das moradias. O padrão de tendência de crescimento que está sendo adotado não oferece um recuo mínimo para a arborização junto à testada do lote. No caso em questão a caixa da rua é estreita, dificultando o uso de arborização junto ao espaço da calçada. Os cenários são produzidos através da simulação do adensamento considerando a máxima ocupação do lote com a edificação, e através da introdução de elementos de vegetação. Com isto o método propõe simular os resultados das escolhas individuais e seu impacto sobre os espaços coletivos e públicos.



Figura 1- À esquerda, habitação selecionada como padrão representativo de adensamento da rua; No centro, imagem da rua; À direita, simulação com adensamento. Fonte: À esquerda, autores (2013); No centro, Google Street View. Acesso em 12/11/2013; À direita, autores (2014).

No entanto, o caráter participativo atribuído a estratégia não pressupõe ser caracterizada como TS, buscando-se assim analisá-la sob tal perspectiva.

2. METODOLOGIA

Para compreender o significado de tal estratégia frente ao conceito de TS, essa foi analisada sob a sua potencialidade de promover a autonomia coletiva, baseando-se em um conjunto de diretrizes de TS. (KAPP; CARDOSO, 2013).

O estudo foi desenvolvido a partir de três etapas: a) Identificação de um referencial de análise, através de um processo de revisão bibliográfica; b) Análise da estratégia participativa dos CENÁRIOS MOTIVACIONAIS frente ao referencial adotado, partindo-se da descrição da mesma e aplicando-se o referencial de análise, no sentido de categorizá-la ou não como tecnologia social e c) Sistematização das reflexões, tanto sobre a pertinência do referencial adotado para esta aplicação específica como para estabelecer um referencial para a estruturação de novas estratégias.

2.1 O referencial utilizado para a análise- O Quadro 1 busca explicitar o referencial adotado para a construção do instrumento de análise. Na coluna da esquerda deste quadro está uma lista de diretrizes, pontuadas por KAPP; CARDOSO (2013), para o desenvolvimento de TS dirigidas à melhoria e à produção de moradias. Na coluna da direita, um recorte da caracterização de cada uma destas diretrizes, a partir do propósito de subsidiar uma interpretação destas diretrizes como parâmetros de análise para categorizar ações frente ao conceito de TS.

Quadro 1 – Diretrizes para o desenvolvimento de Tecnologia Social (TS) dirigidas à melhoria e à produção de moradias.

DIRETRIZES	CARACTERÍSTICAS
Autonomia coletiva	Na produção social do espaço é a diretriz que norteia todas as demais. Autonomia significa a possibilidade concreta, política, econômica, social e cultural, de determinar o processo da habitação e seus produtos. O potencial de aumento da autonomia é um critério de qualidade de uma tecnologia social, ao passo que a redução da autonomia, é um critério de desqualificação de uma tecnologia como social.
Catalisação de processos coletivos	Ênfase em processo de mobilização e organização populares, para transformar grupos em coletividades auto-organizadas.
Valorização de confronto	O exercício do confronto afasta do mero participacionismo, possibilitando uma compreensão das reais divergências de interesses, eventualmente iniciando cadeias de experiências que desemboquem em conquistas e não apenas em concessões.
Valorização dos pequenos ganhos de autonomia	Em lugar da opção entre soluções pragmáticas conservadoras e ideais emancipatórios inalcançáveis tratam-se, em cada caso, de formular ações que respondam às urgências, deixando o máximo de abertura para desenvolvimentos e transformações ao longo do tempo.

Fortalecimento de arranjos cooperativos na construção civil	Visa favorecer relações de produção em que também os trabalhadores adquiriam maior autonomia para ampliar suas atuação política e suas qualificações específicas.
Concepção da moradia como um processo	Não restrito à sequência convencional de projeto, construção e uso é outra consequência da autonomia, considerando o seu prolongamento no tempo. Ela implica soluções construtivas e organizacionais radicalmente flexíveis, adaptáveis, evolutivas.
Contextualização crítica	Decorre da consciência de que tecnologias não seguem uma lógica apartada das sociedades e dos grupos em que se desenvolvem. Contrapõe à crença de que tecnologias podem ser como que transplantadas de um contexto a outro.

Fonte: autores (2014) a partir de KAPP; CARDOSO (2013).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Interpretação e análise da estratégia participativa dos cenários motivacionais frente ao referencial de TS- Efetuou-se considerações sobre essa estratégia participativa frente a cada um dos parâmetros de categorização de TS delimitados a partir de KAPP; CARDOSO (2013), como identificado no Quadro 2. De acordo com os referidos autores, expresso na primeira linha do Quadro 1, a diretriz “autonomia coletiva” norteia todas as demais. A partir desta consideração interpretou-se, no âmbito deste trabalho, a “autonomia coletiva” como um medidor de TS. Tendo-se assim seis parâmetros indicadores (seis diretrizes) para pontuar uma ação em seu grau de TS, sendo que o atendimento ao conjunto de todas as diretrizes é que atribui a potencialidade de TS a uma ação.

Quadro 2 – Análise da Estratégia dos CENÁRIOS MOTIVACIONAIS para a Requalificação Urbana frente aos Indicadores de KAPP; CARDOSO (2013) de Tecnologia Social.

Indicadores de Tecnologia Social (TS)	Análise das potencialidades da Estratégia dos CENÁRIOS MOTIVACIONAIS
Catalisação de processos coletivos	Os cenários construídos incentivam e dinamizam a postura coletiva de poder requalificar o espaço urbano através de ações que são individuais. Desde a ampliação da moradia, plantio de árvores no recuo, a não adoção de muros opacos, etc.
Valorização de confronto	Os cenários têm a oportunidade de promover o confronto sobre as perspectivas de adensamento, por exemplo, de usuários, que tem a ideia fixa de construir o muro fechado e outros que compreendem a qualidade do espaço com vegetação, mesmo pagando o preço (talvez...) da falta de segurança.
Valorização dos pequenos ganhos de autonomia	A ação está propondo exatamente a conscientização da comunidade sobre as consequências sobre o urbano, da transformação do espaço da moradia. O fato de tomar decisão com critério pode ser sinônimo de autonomia. Critério construído a partir das simulações de realidades possíveis.
Fortalecimento de arranjos cooperativos na construção civil (acrescido de arranjos cooperativos com a gestão pública)	A rua é um espaço público que pode ser cuidada e configurada de maneira cooperativa. Especialmente a calçada, com as pré-visualizações, poderia ser planejada e construída a partir de arranjos cooperativos.
Concepção da moradia como um processo	Entende-se o processo de configuração do espaço urbano ao longo do tempo, dependente do processo de concepção da moradia e de seu diálogo com o urbano.
Contextualização crítica	A promoção da participação da comunidade pode ser facilitada através de estratégia formativa. A estratégia parte da realidade concreta e específica de cada contexto a ser requalificado.

Fonte: autores (2014)

3.2 Sistematização das reflexões: A pertinência do referencial adotado e a categorização da estratégia dos CENÁRIOS MOTIVACIONAIS- As reflexões registradas sobre as potencialidades da estratégia de requalificação urbana frente a cada um dos indicadores de TS, no Quadro 2, permitem considerar a pertinência do referencial adotado. Os parâmetros utilizados junto às diretrizes de KAPP; CARDOSO (2013) foram transpostos ou até mesmo reinterpretados, talvez não correspondendo com o propósito original de tais diretrizes. Entretanto, o exercício desta reflexão permitiu ampliar a percepção sobre os potenciais da estratégia e problematizá-los. O fato de compreender possibilidades frente a cada um dos indicadores de TS, e com isto observar potencialidades para efetivamente promover a “autonomia coletiva”, permite atribuir “algum” grau de TS a estratégia, o que poderá ser verificado em um futuro, após a sistematização dos resultados de experimentações.

Deve-se destacar que todas as considerações partem do pressuposto da ação ativa da universidade a qual deve garantir a infraestrutura para a aplicação da estratégia e para a transferência de conhecimento para que, na medida do possível, possam utilizá-las de maneira autônoma também.

4. CONCLUSÕES

Como resultado tem-se a análise e a delimitação de um método de avaliação das estratégias referidas, além de um referencial para o desenho de novas estratégias que objetivem o desenvolvimento de Tecnologia Social para a requalificação do espaço urbano em contextos de HIS.

Aposta-se que a estratégia dos CENÁRIOS MOTIVACIONAIS construída através da sobreposição de elementos virtuais sobre a realidade concreta, possa ser utilizada como veículo de compreensão e consciência de realidades, de problematização desta realidade, de expressão de desejos e de construção de futuros possíveis. Este método foi testado com alguns moradores da rua estudada, entretanto, apenas para validar o funcionamento da tecnologia. Observou-se a viabilidade de uso da técnica de RA no local em questão, a partir de aplicativo de uso gratuito tal como o *Augment*. A surpresa e a curiosidade de compreender a visualização de elementos virtuais sobrepostos ao ambiente físico, por si só, despertou para a participação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KAPP, Silke; CARDOSO, Adauto L. Moradia e tecnologias sociais: um extrato do marco teórico da rede Morar TS. In: Cardoso, Adauto L. Morar-TS Tecnologias Sociais aplicadas à Habitação de Interesse Social. **Encontros nacionais da ANPUR: Desenvolvimento, planejamento e governança**. Anais. Recife, 2013. 15v. Disponível em: <<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/viewFile/4665/4533>>. Acesso em: 12/04/2013.

KIRNER, Claudio; TORI, Romero. Fundamentos de Realidade Aumentada. In: **Livro do Pré-Simpósio. VIII on VirtualReality**. Livro Fundamentos e Tecnologia de Realidade Virtual e Aumentada. Belém-PA. 422p. 2006. Disponível em: <<http://www.interlab.pcs.poli.usp.br>>. Acesso em 14/02/2012.

MONTEIRO, Evandro Zigiatti. **“Verdes-dentro e Verdes-fora”: visões de futuro para uma comunidade de autoconstrutores**. Campinas: Editora Annablume, 2011.